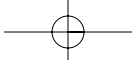


O SILÊNCIO E O LUME

DEZEMBRO — 1924¹

Querida: estamos sozinhos à mesa nesta noite infinita em que a chuva cai lá fora com um ruído monótono de choro. Estamos sós nesta noite de saudade e nunca foi maior a nossa companhia, porque cada vez me sinto mais perto dos mortos. Rodeiam-nos, chegam-se para mim e sentam-se ao nosso lume. São legião... Mais perto, que eu faço uma labareda que nos aqueça a todos! A velha mesa da consoada foi-se despoando com o tempo, mas hoje estão aqui sentadas todas as figuras que conheço desde que me conheço... Tu, toda branca, e que mesmo através do túmulo me transmites sonho; tu, mais longe, mais apagada e sumida; e tu, que vens de volta, e encostas os teus cabelos brancos aos meus cabelos brancos, para me dizeres baixinho: — Menino! — Pois ainda me chamas menino?! — Outro acolá sorri e outro tenta falar... Dois vivos e tantos mortos sentados à roda desta mesa que veio de meu pai, foi de meu avô e pertenceu já a outras gerações desconhecidas, mas que estão aqui também comigo, escutando e sorrindo, enquanto as pinhas se transformam em flores maravilhosas e as vides que plantei se reduzem a cinza!... Nunca estive tão acompanhado como hoje nesta ceia religiosa de fantasmas, numa comunhão de saudade e de lágrimas, e sentindo que cada Natal volvido mais me aproxima dos mortos. Aumenta o silêncio húmido que nos isola do mundo... Dá-me



as tuas mãos, querida, e deixa arder o lume, enquanto eu falo baixinho diante da legião que nos escuta, acompanhado pelo ruído de lágrimas que se ouve lá fora.

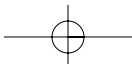
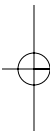
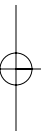
Um dia destes temos de nos separar, e é natural que seja eu, que sou mais velho, o primeiro a partir... Antes, porém, quero dizer-te que te devo o melhor da vida. Foste tu que me desvendaste o amor, que eu desconhecia. A bondade e a ternura, que eu desconhecia. Não exerci talvez nenhuma influência na tua alma — tu apaziguaste-me. O amor era em mim um simples impulso: criaste-o, e pouco e pouco essa força nas tuas mãos se transformou em sentimento religioso.

Olha para os meus cabelos todos brancos... Julgava que o amor ia diminuindo com o tempo — e o meu amor não cessa de aumentar até à morte e para além da morte. «Na ocasião em que escrevo estas linhas — diz Alfieri nas *Memórias* —, na idade em que já desapareceram de todo as ilusões, sinto que a amo cada vez mais, à medida que o tempo destrói o brilho da sua passageira beleza. Ela tornou melhor, elevou e pacificou o meu coração — e eu ousei dizer a mesma coisa do seu, que sustento e fortifico.»

É certo: cada ano que passa é um laço que nos prende e quanto melhor conheço a tua alma, mais me purifico ao seu contacto. Não só fazes parte do meu ser, mas da minha consciência. Chego às vezes a supor que és tu a minha consciência.

Por isso esta separação vai ser dolorosa, ainda que eu creia que nos tornaremos a encontrar noutra mundo melhor. Não decerto para vivermos as horas que passámos juntos à beira do lume, penetrados um do outro e unidos pelo silêncio, mas numa vida superior que antevejo e numa paz mais profunda. Ainda assim tenho pena. Tenho pena das horas monótonas que correm — do tempo que passa — da brasa que se extingue...

Foste o fio que ligou a minha vida desordenada. Há em mim um ser desconhecido que me leva, se não estou de sobreaviso, a acções que detesto. Uma palavra tua me detém. Tenho passado o tempo a comentar-me e poucas almas me interessam como a minha. O que eu amo sobretudo é o diálogo com esse ser esfarrapado. Dêem-me um buraco e papéis e



condenam-me à solidão perpétua. É-me indiferente... Isto é um erro — e tu fizeste-mo sentir. Sem mo dizeres — compreendi que a nossa vida é, principalmente, a vida dos outros... Melhor: compreendi que a ternura era o melhor da vida. O resto não vale nada. Não é por a esmola da velha do Evangelho ser dada com sacrifício que é mais aceita no céu que o ouro do rico — é por ser dada com ternura. O importante é a comunicação de alma para alma. A mão que aperta a nossa mão, o olhar húmido que procura o nosso olhar, o sorriso que nos acolhe, desvendam-nos o mundo. Às vezes é um nada que nos faz reflectir, é o momento, é uma figura que nos entra pela porta dentro e de quem nos sentimos logo irmãos... Ainda não há muito que passei uma tarde no lagar, com os homens que assentavam os dornões, e achei um grande encanto àquela lida rude. Cheirava a mosto, e o cheiro pareceu-me mais penetrante que das outras vezes. É a quadra do ano em que caem as primeiras chuvas. Sente-se que vem aí o desabar imenso, nas noites que não têm fim — e aquela voz séria que nos faz reflectir. Há já um pique de frio, que sabe bem, e os ratos e as doninhas começam a levar para os buracos as primeiras folhas amareladas que caem das árvores. Tudo adivinha o Inverno. A porta da adega comunica com a cozinha térrea da nossa pequena lavoura. Debruçada sobre o lar, a mulher deitava um feixe de sarmentos da poda sobre as brasas, e a fogueira lambia as paredes negras que reluzem, iluminava os potes de ferro e o berço do filho ao lado do lume, a quem ela ia falando enquanto fazia o caldo... Este pequeno quadro de interior humilde — o homem que trabalha comigo na mesma vinha, o moço que o ajuda, a mulher e o berço, fizeram-me cismar... Aproximo-me cada vez mais — outro Inverno ou a ideia da morte? — da vida de todos os dias. Esta época do ano é a que melhor se harmoniza com a minha alma um pouco cansada e triste — já resignada diante do fim. É agora que eu acho mais sabor à vida — quando a sinto fugir-me. Cheira a folhas apodrecidas. As sombras mais frias, à espera de outras sombras geladas e eternas, trespassam-me de humidade. Anuncia-se o grande inverno no pio das aves, na cor das folhas que se arripiam com a lufada

do vento e caem uma a uma com um ruído tão leve como os passos da Morte...

O sentimento da vida humilde inspiraste-mo tu; este e outros de apaziguamento e verdade. Ligaste-me mais aos vivos e aos mortos. Aos que estão sentados ao nosso lado nesta noite sagrada e à legião infinita que tem sofrido no mundo, cumprindo a vida, aos desgraçados e aos humildes, aos pobres de pedir que caminham como santos pela estrada... A chuva cai lá fora, com o ruído manso de quem se resigna e aceita a dor... Cheguelo-nos mais para o lar, que eu faço arder uma fogueira que nos aqueça a todos — toros de carvalho duros como ferro que dão uma luz mortíça e um calor persistente; o pinheiro que arde, estala, flameja, numa grande labareda fugaz; as vides que plantei e já me aquecem há dois invernos e as pinhas que gosto de atirar uma a uma ao lume e que se transformam em maravilhosas flores de oiro, cujas pétalas só duram um instante... Cheguem-se todos os que no mundo me deram um bocadinho de ternura!

Tu, primeiro, de quem herdei a sensibilidade e esta paixão pelas árvores e pela água, e de quem sinto as mãos pousadas sobre a cabeça, trespassando-me de ternura; e tu, tão velhinha, que me quiseste como a um filho, e vós todas de quem confundo as cabeças brancas. Sinto na mão um dedo nodoso que já não existe e a que a minha mão ainda se apega². Sinto as mãos que toquei durante a vida. Muitas já desapareceram, mas estão aqui entre as minhas — as mãos de meu pai, as mãos de minha mãe, as mãos pequeninas das crianças. Não a mão material — mas as mãos espirituais. As mãos quando a gente as aperta e as tem entre as suas dão-nos o ser inteiro pelo contacto. Destruídas pela morte fica a ternura que nos transmitiram.

Um momento, um só momento, um momento e lágrimas, um único momento para lhes fazer sentir também a minha ternura, redobrada pelos anos, aumentada pela saudade, amplificada pelo conhecimento da vida e da dor!...

Impossível. De muitos nem já sei o nome. Passaram no tropel dos mortos. Ficou-me um olhar impresso, o calor da tua

mão na minha mão. Mais nada. Como te chamas tu? Por mais esforços que faça não me lembro. Entre nós interpôs-se esta coisa monstruosa que se chama o tempo. Se soubessem a pena que isto me faz! Mortos! mortos para sempre, morta comigo a vossa ternura, para toda a eternidade! Só estes três fantasmas se chegam mais para mim: — Tu que fazes, que não vens? — Nem eu sei o que espero para me juntar a vós. Esta companhia doirada de todo o Inverno, que ali se consome no lar, já não basta para me aquecer. Preciso doutro lume, que só vós me podeis transmitir. Nem eu sei o que espero para sentir o meu coração mais perto do vosso coração, agora que a vida me ensinou que a ternura é a melhor coisa da vida.

Foi ontem! foi ontem que os conheci e que te conheci, foi ontem que te amei — e estamos ambos velhos! O tempo — não sei se o tempo existe... Pelo menos não decorre com regularidade. Custa muito a passar até certa idade, e depois, atropela-se, desaparece, escoá-se, some-se. E o que me impressiona mais não é o tempo, é a distância. Há uma coisa monstruosa que nos leva e empurra, e as figuras e os factos apagam-se pouco e pouco. Tu ainda conservas as feições queridas, mas eu vejo-as já mais longe — e estendo os braços suplicando — cada vez mais longe... Oh minha ternura, não tardarás a estar tão afastada de mim, que mal te distinguirei! Cada vez o espaço se dilata mais. Uma coisa monstruosa se interpõe entre nós, e nos leva de escantilhão não sei para onde...

Uma alma é preciso criá-la, e quando está criada — deixá-la. Tanta luta, tanta dúvida, perguntas ansiosas, respostas que nos deixam perplexos, necessidade de recalcar os instintos, e quando, enfim, a gente tem, à custa de dor, construído um universo que não existe e criado uma alma que não tinha, está cansada, velha, exausta, e é forçoso deixá-la!

*

A certa altura da vida tive a impressão de que me despehara num mundo de espectros. A face humana meteu-me medo pelo que nela descobria de repulsivo e de grotesco. Fu-